

## *Prefácio*

### **(Des)Igualdades e (In)Visibilidades Sociais na Era Digital**

A influência das novas tecnologias nas esferas pública e privada da sociedade, mais do que uma reformulação, originou um novo campo social e interfere diretamente na forma como percebemos o mundo, nos relacionamos com este e com os outros. Relembre-se que na teoria de Pierre Bourdieu (2001), campo surge como uma configuração de relações socialmente distribuídas.

Progressivamente surgiu e consolidou-se um universo de sociabilização: o ciberespaço. Ainda que virtual, existe e produz efeitos. Pode ser definido como o espaço potenciado pelas diferentes plataformas de comunicação digital e assume-se como um modelo de comunicação individual, permitindo ao recetor ser simultaneamente emissor. Espaço de fluxos (Castells, 1996), o ciberespaço traduz a dimensão social da Internet, permitindo comunicação e difusão de informação à escala global, o que provoca um intenso processo de inclusão e exclusão de pessoas na rede.

A referência a sociedades infoincluídas e infoexcluídas do cenário digital é imperativa quando se reflete sobre a geografia dos novos espaços sociotecnológicos. As dinâmicas destes territórios estão diretamente associadas à forma como as variáveis sociais, demográficas, económicas e tecnológicas se condicionam entre si, revelando o potencial de disseminação de informação e conhecimento através das tecnologias.

Neste número especial da Interações propomos uma reflexão sobre (Des)Igualdades e (In)Visibilidades Sociais na Era Digital. Os trabalhos apresentados apresentam resultados de investigação empírica e/ou reflexão teórica sobre visibilidades e invisibilidades sociais criadas por dinâmicas de inclusão ou exclusão digital e mediática, relações do digital com desigualdades em diferentes contextos geográficos, sociais e profissionais, literacia digital e grupos sociais vulneráveis, condicionamentos criados pela tecnologia ao indivíduo em contexto social, entre outros.

O volume abre com um ensaio de Chris Campanioni, que parte da pergunta intemporal “Quem és tu?” para investigar a cultura atual de *IA-catfishing*, métricas de media sociais e a sua manipulação. O artigo tem o interesse particular, nos dias de hoje, de relacionar o surgimento de *fake news* com o “aumento generalizado de *fake*

*users*”, entendidos estes como “as várias personificações do *self* mesmo e especialmente através da IA”, no quadro de uma articulação crítica de política, economia, corpo e identidade, no contexto do digital, que aponta para a possibilidade de desintegração da “*performance* da identidade e do seu potencial utópico”.

Pontos normativos importantes, a partir de uma perspetiva emancipatória, são também feitos por Mateo Stochetti no segundo ensaio deste volume. Gostaríamos de destacar a sua premissa de que “sem a possibilidade da verdade, o comportamento político fica privado da sua dimensão moral”. Stochetti abstém-se de vincular explicitamente o seu argumento a óbvios eventos contemporâneos no cenário internacional, contudo, o argumento é bastante relevante para uma avaliação crítica de tais eventos. O ensaio apresenta ainda uma visão interessante sobre o conceito de construção social da realidade, em conexão com os conceitos de (in)visibilidade e verdade, tornando-se relevante não apenas para um público interessado em comunicação, media e digital, mas também para um público interessado genericamente em teoria social e epistemologia.

Luca Cigna revê o debate sobre desigualdade digital, apresentando-nos o ‘estado da arte’ sobre o assunto. Cigna organiza a sua revisão considerando aspetos conceptuais e metodológicos, e dimensões relativas a estrutura social, globalização e política. O autor destaca o carácter complexo e multidimensional da desigualdade digital e a sua proeminência nas desigualdades sociais em geral nas sociedades contemporâneas.

Os artigos que se seguem apresentam pesquisas sobre uma variedade de grupos, contextos e/ou aspetos específicos relativos a desigualdades e invisibilidades na era digital, e os desafios e caminhos para superar estas últimas.

Daniel Calderon parte dos três níveis da clivagem digital, operacionalizados em cinco barreiras (acesso, competências, motivação, emoções e utilidade) para estudar os processos pessoais de apropriação da Internet entre jovens de Madrid. O autor identifica assimetrias e barreiras significativas entre os jovens, que se relacionam com o seu background sociocultural e socialização tecnológica. Este artigo contém também uma revisão bibliográfica muito relevante sobre os três níveis da clivagem digital, funcionando muito bem com complementar à revisão da literatura feita por Luca Cigna no artigo anterior.

A análise de Natasha Chuk diz respeito ao fato de que, particularmente nos media sociais, as pessoas tímidas e socialmente vulneráveis são um grupo invisível e desfavorecido. O foco neste tipo de grupo faz-nos olhar para “as formas pelas quais a socialização, a autoexpressão e a individualidade mudaram, permitindo que novas

perceções e formas de ser surgissem”. As ferramentas de media disponíveis para as pessoas “podem tanto melhorar como exacerbar a timidez”. Assim, para a autora, o objetivo é promover a consciencialização da flexibilidade e possibilidade de customização de ferramentas, como as que dizem respeito a privacidade e visibilidade, para que surjam usos e plataformas alternativos que possibilitem “a capacidade de ocultar e revelar informações com um sentido de agência, e propiciar a oportunidade para o usuário atuar em conformidade”.

Delali Dovie descobre que a alfabetização digital faz a diferença no planeamento da aposentação no Gana, com implicações para a inclusão e exclusão sociais, e também que essa diferença é notória na comparação entre trabalhadores dos setores formal e informal. Desse modo, o desafio é aumentar a literacia digital de grupos como o dos trabalhadores de setores informais, a fim de superar essa desigualdade na facilidade e qualidade do planeamento da aposentação. Além disso, o artigo é ainda interessante dentro do campo mais amplo da pesquisa sobre literacias sociais.

Indhira Suero e Bernardo H. Motta pesquisam a conexão entre a adoção, ou não, de novos media digitais e a sobrevivência e crescimento na indústria editorial, focalizando o caso da imprensa negra nos EUA. Para realizar esta pesquisa, os autores encontraram dificuldades metodológicas – principalmente no que se refere ao contacto com informadores privilegiados – que por si só revelam particularidades deste tema de pesquisa e das conexões de questões organizacionais e tecnológicas com questões de (in)visibilidade e (in)justiça. Aqui, o problema central é a confiança, e as propostas que os autores avançam para superá-lo – promover pesquisas qualitativas e etnográficas neste campo – são, em si mesmas, bastante ilustrativas do estado de invisibilidade nesta indústria.

Ioana Ionita foca o papel das ferramentas digitais no ativismo alimentar, como um exemplo de ação contra injustiça social, na Roménia. A principal conclusão é a de que tal papel ainda é incipiente, e isso porque está “severamente limitado por (...) obstáculos legislativos, burocráticos e de infraestrutura”. A particularidade do artigo é focar não o grupo invisível ou em desvantagem, mas sim estruturas e práticas de solidariedade de outros em relação a ele, o que serve como chamada de atenção final de que (in)visibilidades, (des)igualdades e (in)justiça são sempre relações sociais.

Coimbra, setembro de 2018,

Inês Amaral

Maria João Barata

Vasco Almeida